



FACULDADE CATÓLICA DE ANAPÓLIS  
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MAURÍCIO ALVES VIEIRA JÚNIOR

FILOSOFIA E LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NO CAMINHO À  
VERDADE

ANAPÓLIS – GO

2021

MAURÍCIO ALVES VIEIRA JÚNIOR

FILOSOFIA E LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NO CAMINHO À  
VERDADE

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

ANAPÓLIS – GO

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO  
MAURÍCIO ALVES VIEIRA JÚNIOR

FILOSOFIA E LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NO CAMINHO À  
VERDADE

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

Data de aprovação:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

ANAPÓLIS – GO

2021

## Resumo

Este trabalho oriundo do escopo científico-filosófico e busca, numa vertente filosófica realista moderada, a realização de apontamentos incipientes a respeito de possíveis relações e convergências — numa trajetória rumo à verdade mormente — entre estes dois objetos a serem investigados: a filosofia e a arte da literatura.

**Palavras-chave:** Filosofia; literatura; verdade.

# Abstract

This text from base scientific-philosophical search, through a strand philosophical realistic moderate, the achievement of appointments incipient about possible relations and convergence — in a way among the truth — between this booth objects to came out to be investigated: the philosophy and the art of literature.

**Keywords:** Philosophy; literature; truth.

## Sumário

<b>1. Introdução</b> .....	6
<b>2. O que é, afinal, a Filosofia?</b> .....	8
<b>3. O que é Literatura?</b> .....	11
<b>3.1 Northrop Frye</b> .....	11
<b>3.2 Tzvetan Todorov</b> .....	16
<b>4 Filosofia e literatura: algumas possíveis convergências</b> .....	19
<b>4.1 Literatura, Filosofia e Imaginação</b> .....	19
<b>4.2 Literatura, Filosofia e verdade</b> .....	25
<b>4.3 Literatura, Filosofia e suas potências para atingir a verdade</b> .....	26
<b>4.4 Literatura, Filosofia e Linguagem</b> .....	28
<b>4.5 Literatura, Filosofia e Educação</b> .....	28
<b>4.5.1 Literatura, Filosofia, reflexão e instrução</b> .....	31
<b>4.6 Literatura, Filosofia, o Belo e a Verdade</b> .....	32
<b>5 Considerações finais</b> .....	35

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho procura investigar algumas possíveis relações entre filosofia e literatura. E para tal, pretende, sob a reclamação da prudência, se valer da ajuda de gigantes, buscando sempre o que as grandes mentes já contribuíram sobre o assunto. Logo, não se espere deste texto mais do que a reunião e análise de brilhantes escritores do passado e do presente em suas considerações sobre o tema aludido com — quem sabe ao final — uma cautelosa contribuição do autor desta síntese, ora mais intimidada e temerosa, ora mais audaz e destemida a respeito da problemática em questão.

De fato, o desafio, aqui, parece ser o aprofundamento cada vez maior na natureza da literatura, buscando entender o lugar ocupado por esta em relação às coisas que podem favorecer o homem a entender a verdade ou o sentido da existência de tudo. Visto que, a filosofia já ocupa a cátedra destinada à explicação mais profunda das coisas ou a cátedra destinada ao ensino e incentivo da reflexão individual no intuito de se alcançar a sabedoria. Enquanto a literatura, ao menos de maneira imediata, não se desvela com essa capacidade ou este fim. Contudo, em função de apresentar indícios de possível benfeitora do homem nessa empresa sublime com termo na contemplação do ser é que se pretende agora investigá-la em sua relação de amizade ou não com a sabedoria. Logo, é preciso ir em busca de um tipo específico de crítica literária que discorra não sobre as especificidades de obras ou gêneros literários particulares, mas uma crítica literária que trate de aspectos mais gerais desta arte.

Também, frise-se que não é pretendida uma correlação forçosa entre tais disciplinas – filosófica e literária. É almejado apenas alguma insipiente sistematização de tal relação misteriosa — caso ela exista, é claro. Afinal, se ambas forem ‘amigas’ a literatura será então amiga também da sabedoria já que a primeira já o é desde a sua etimologia<sup>1</sup>. E aqui cabe já alguns questionamentos importantes, com o perdão do jogo de palavras: a literatura é uma amiga da sabedoria? E se o for, é somente por que antes se relaciona com a filosofia, ou é uma outra amiga independente desta?

Antes de se falar de filosofia e literatura como possíveis parceiras e tentar saber mais sobre a possível potência para lograr outrem à verdade da arte literária, se faz necessário tratá-las brevemente em separado e as conferir uma definição prévia. Ou seja, é preciso tentar esclarecer a natureza de ambas com a maior diligência e, paradoxalmente, com a maior

---

<sup>1</sup> A respeito da etimologia de ‘filosofia’: “O termo certamente foi cunhado por um espírito religioso que pressupunha ser possível só aos deuses uma “sofia” (“sabedoria”), ou seja, a posse certa e total do verdadeiro, um amor ao saber nunca totalmente saciado — de onde, justamente, o nome “filo-sofia”, seja “amor pela sabedoria” (REALE, 2017, p.11).

brevidade exigida, visto que tais objetos por si só seriam temas para inúmeros outros artigos dedicados, para que se tenha a chance de realizar, após isto, justas ponderações a respeito de pontos essenciais ou acidentais das duas caso visto que se interceptassem, possivelmente, e como se daria tal encontro: sob qual ponto de vista se interceptariam etc.

Também é preciso dizer que tal investigação pode ser tida como genuinamente filosófica por duas razões. A primeira é que faz parte da filosofia — ao menos de acordo com certos autores — a busca pelo entendimento mais preciso conceituação mais acurada de todos os entes, e uma justa comparação entre filosofia e literatura tem a possibilidade de contribuir com o melhor entendimento da natureza filosófica e poética. Depois, dentro da filosofia há um campo de pesquisa específico denominado ‘teoria do conhecimento’ ou ainda ‘gnoseologia’ que é voltado para a compreensão de como o homem apreende e se é que aprende a verdade ou as verdades e isto vai ao encontro do que será investigado aqui: a filosofia como objeto que é justamente a disciplina que busca a verdade e a literatura como uma possível auxiliar desta busca.

## 2. O que é, afinal, a Filosofia?<sup>2</sup>

Se o objetivo é comparar dois entes distintos e tentar perceber suas adjacências, intercepções etc., é claro que se deve ter distintamente e de forma, ao menos insipiente, a natureza de cada objeto com suas essências próprias definidas para depois se seguir com uma comparação mais acertada. Iniciando pela filosofia tem-se o seguinte.

A iniciar sob uma perspectiva histórica, pode-se dizer acertadamente juntamente com o autor Giovanni REALE (2017) que a filosofia surgiu na Grécia Antiga e não como fruto do acaso, mas favorecida por uma série de fatores específicos: “A filosofia surgiu na Grécia porque justamente na Grécia formou-se uma temperatura espiritual particular e um clima cultural e político favoráveis. As fontes das quais derivou a filosofia helênica foram: 1) a poesia; 2) a religião; 3) as condições sociopolíticas adequadas” (REALE, 2017, p.6). A poesia porque fornecia a explicação da realidade a seu modo além de fomentar o gosto pelo belo que se destrincha em gosto pela harmonia, proporção e ordem. A religião em função de chamar a atenção para a importância do controle do homem a si mesmo utilizando-se da sua razão e por acontecer na Grécia de uma forma não dogmática o que favorecia a liberdade de expressão individual e em terceiro por ter a característica de oferecer ao homem explicações sobre a totalidade das coisas através da fé. E, na política e economia, pelo modo como a sociedade grega era estruturada gozando de estabilidade e bem-estar social além de proporcionar a liberdade a nível civil dos cidadãos também contribuiu para o advento pensamento filosófico.

A respeito da etimologia da palavra ‘filosofia’, Reale assim sintetiza:

Conforme a tradição, o criador do termo “filo-sofia” foi Pitágoras, o que, embora não sendo historicamente seguro, é no entanto verossímil. O termo certamente foi cunhado por um espírito religioso que pressupunha ser possível só aos deuses uma “sofia” (“sabedoria”), ou seja, a posse certa e total do verdadeiro, um amor ao saber nunca totalmente saciado — de onde, justamente, o nome “filo-sofia”, seja “amor pela sabedoria (REALE, 2017, p.11).

Quanto ao método, a filosofia persegue a verdade valendo-se da potência racional ou intelectual do homem. Quanto a isso ainda o mesmo autor — Reale — assim escreve:

[...] a filosofia procura ser ‘explicação puramente racional daquela totalidade’ que tem por objeto. O que vale em filosofia é o argumento da razão, a motivação lógica, o *logos*. Não basta à filosofia constatar, determinar dados de fato ou reunir experiências: ela deve ir além do fato e além das experiências, para encontrar a *causa* ou *as causas* apenas *com a razão* (REALE, 2017, p.11).

---

<sup>2</sup> Prosseguindo com essa elucidação sobre a sua natureza, a filosofia pode ser compreendida divergentemente a depender do filósofo destacado. Deste modo, é necessário que se escolha uma definição que norteará a metodologia filosófica exata deste artigo — que pretensamente se propõe a ser filosofia — e conferirá subsídio mais preciso a pretendida comparação entre a filosofia e a arte poética. Tal definição específica filosófica será esclarecida de maneira espaçada ao decorrer deste primeiro capítulo. Mas já pode aqui ser adiantado que a filosofia que aqui se credita como autêntica é a de cunho aristotélico-tomista, realista moderada.

Em relação ao seu fim, a filosofia busca conhecer e contemplar a verdade (REALE, 2017). Aristóteles citado por Reale (2017) assim se expressa a respeito disso:

‘Portanto, é evidente que nós não buscamos a filosofia por nenhuma vantagem a ela estranha. Ao contrário, é evidente que, como consideramos homem livre aquele que é fim para si mesmo, sem estar submetido a outros, da mesma forma entre todas as ciências, só a esta consideramos livre, pois só ela é fim em si mesma’ (ARISTÓTELES apud REALE, 2017, p. 12).

Nota-se que, de acordo com o grego, a filosofia é uma ciência e é a principal entre todas as ciências enquanto “É fim em si mesma porque tem por objetivo a verdade, procurada, contemplada e desfrutada *como tal*” (REALE, 2017, p. 12).

Dando continuidade, a filosofia é notoriamente aquela disciplina que busca fornecer respostas as questões mais relevantes para o homem e isso a torna extremamente importante não para um grupo restrito de pensadores, mas para todo aquele que percebe inerente a si mesmo um desejo de saber o sentido profundo da realidade e, ao que parece, todos os seres humanos buscam isso naturalmente devido a sua racionalidade: “Logo, aquele que “leva a vida com filosofia”, sabe dirigir o seu próprio comportamento, outorgando a cada a importância que merece e encaminhando o seu andar terreno pelas direções mais oportunas, sem sofrer sobressaltos desproporcionados” (MLENDO, 2005, p.14). E, à vista disto, complementa Reale:

[...] quer explicar a *totalidade das coisas*, ou seja, toda a realidade, sem exclusão de partes ou momentos dela. A filosofia, portanto, se distingue das ciências particulares, que assim se chamam exatamente porque se limitam a explicar *partes* ou setores da realidade, grupos de coisas ou fenômenos. E a pergunta daquele que foi e é considerado como o primeiro dos filósofos — “Qual é o princípio de todas as coisas?” — mostra a perfeita consciência desse ponto. A filosofia, portanto, propõe-se como objeto a *totalidade do ser* [...] (REALE, 2017, p.11).

Este trecho presente na introdução da encíclica papal ‘Fides et Ratio’ — ‘Fé e Razão’ de São João Paulo II pode ajudar a entender melhor a natureza filosófica:

Aliás, basta um simples olhar pela história antiga para ver com toda a clareza como surgiram simultaneamente, em diversas partes da terra animadas por culturas diferentes, as questões fundamentais que caracterizam o percurso da existência humana: Quem sou eu? Donde venho e para onde vou? Por que existe o mal? O que é que existirá depois desta vida? Estas perguntas encontram-se nos escritos sagrados de Israel, mas aparecem também nos Vedas e no Avestá; achamo-las tanto nos escritos de Confúcio e Lao-Tze, como na pregação de Tirtankara e de Buda; e assomam ainda quer nos poemas de Homero e nas tragédias de Eurípidés e Sófocles, quer nos tratados filosóficos de Platão e Aristóteles. São questões que têm a sua fonte comum naquela exigência de sentido que, desde sempre, urge no coração do homem: da resposta a tais perguntas depende efetivamente a orientação que se imprime à existência (JOÃO PAULO II, 1998, p.6).

No contexto desta citação, João Paulo II demonstra que a busca e o anseio pela verdade sempre foram um fato inerente ao Homem. Assim, várias civilizações e filósofos em determinado momento chegaram as mesmas perguntas existenciais não por coincidência.

Ainda, numa atitude de profundo grau especulativo a filosofia busca responder questões metafísicas a respeito do ser tais como:

[...] qual a diferença entre existir e não existir? O que é comum a todas as coisas que existem e quais as propriedades de tudo o que existe? Será que há maneiras diferentes de as coisas existirem – modos diferentes de ser ou de existência? Será que algumas coisas só existem na mente ou para a mente, ao passo que outras existem fora da mente, sendo ou não conhecidas ou mesmo conhecíveis por nós? Será que tudo o que existe existe fisicamente ou será que há coisas que existem separadas da corporificação material? Será que tudo muda, ou será que existe algo imutável? Será que algo existe necessariamente, ou será que tudo que existe poderia não ter existido? Será que o campo da existência possível é maior que o campo daquilo que efetivamente existe? (ADLER, 2010, p. 278)

Desse modo, a filosofia tende a acontecer naturalmente devido à natureza racional do homem que busca a verdade, sobretudo as mais elevadas: “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber” (ARISTÓTELES, 2015, p.3); e, de forma espontânea, no cotidiano, quando o indivíduo dá ‘uma pausa’ nos afazeres ao buscar por respostas que com certeza influirão na sua práxis desde aquele momento adiante a depender das suas conclusões em seus raciocínios:

As doutrinas como julgar que os homens estão submetidos a um destino cego, ou então que eles são os artífices absolutos da sua própria existência, ou ainda que, com liberdade, os homens podem chegar a conhecer e amar um Deus pessoa indicam rumos completamente para a vida do homem (ALVIRA, 2014, p. 21).

Neste desfecho, numa mais sistematizada da filosofia, pode-se adotar, aqui, uma divisão em duas instâncias que compõem o escopo filosófico — filosofia teórica e filosofia normativa — proposto por Mortimer Adler (2010):

Uma obra de filosofia teórica ou especulativa é metafísica somente se seu assunto principal tratar de questões sobre o ser ou a existência. Será uma obra de filosofia da natureza se estiver preocupada com o devir — com a natureza e com os tipos de mudanças, com suas condições e causas. Se o interesse básico da obra for o conhecimento — questões à respeito do que interfere no conhecimento de qualquer coisa, as causas, a extensão e os limites do conhecimento humano, e suas certezas e incertezas —, então ela é de epistemologia que é outro nome para a teoria do conhecimento. Passando da filosofia teórica à normativa, a principal distinção é entre, por um lado, questões a respeito da boa vida e aquilo que é certo ou errado na conduta do indivíduo — tudo o que faz parte do terreno da ética — e, por outro lado, questões a respeito da boa sociedade e da conduta do indivíduo em relação à comunidade — o terreno da política ou da filosofia política (ADLER, 2010, p.282).

### **3. O que é Literatura?**

No primeiro capítulo buscou-se delinear o que seria filosofia, este será voltado a essência literária e no próximo se perscrutará alguma relação entre estes dois objetos de estudo.

Em relação as questões de terminologia, talvez seja bom considerar o que diz Ariano Suassuna (2018, p. 268) a este respeito: “[...] O problema da terminologia, desde que não se chegue ao exagero de querer deixá-lo ao arbítrio puramente individual [...] é mais ou menos secundário”. Assim, a respeito do termo ‘poesia’, Suassuna (2018) diz que se pode entendê-la na concepção grega de ‘criação’ e nesse sentido a poesia estaria ligada a todas as artes. Depois, pensadores alemães atrelaram a poesia a artes literárias ou artes da linguagem. E depois, numa restrição maior, poesia significaria uma arte da linguagem em prosa ou em verso. Finalmente, justificando-se pelo uso comum, ao menos nesta sua obra, Suassuna se utiliza do termo literatura como termo referente todas as artes de linguagem que possuiriam dois gêneros distintos: adere o termo poesia para se referia — escrita em verso — e prosa — escrita não versificada, mas contínua. E o fator que diferencia estas duas espécies do gênero literário é a predominância do ritmo e da imagem em uma — na poesia — e a predominância da exposição e narração na outra — prosa (SUASSUNA, 2018). Neste artigo, o léxico literatura será usado de acordo em consonância com esta última classificação trazida por Suassuna como literatura se referindo tanto a escrita em prosa quanto a escrita em verso.

Ainda, a literatura não se mostra um ente de definição trivial, deste modo, aqui serão usados alguns autores em detrimento de outros tantos sendo que, o critério para a escolha de um e não de outro fora a similaridade dos temas tratados por eles com o que se pretendia tratar neste artigo. Ademais, pode-se arguir que o que os dois propõem em suas teorias aflui de maneira muito conveniente na teoria do principal autor escolhido para fundamentar a ligação entre literatura e filosofia no próximo capítulo: Olavo de Carvalho — com sua obra filosófica de teoria do conhecimento ‘Aristóteles em Nova Perspectiva’ (2014) que tem seu ponto de partida e centralidade — como seu título já antecipa — no filósofo grego Aristóteles.

#### **3.1 Northrop Frye**

Considerando tudo isso, o primeiro autor que irá ajudar a entender melhor a essência literária será Northrop Frye, crítico literário e professor universitário nascido no Canadá; sua teoria literária se mostra profunda, sendo capaz de captar diversas nuances do fenômeno literário sendo, ao mesmo tempo, de fácil verificação de coerência com o real.

Frye (2017) separa o uso da linguagem em três níveis: o da consciência e perceptividade onde um indivíduo sabe diferenciar ele mesmo das outras coisas; há também o nível da participação social: a linguagem do senso prático e há o nível da imaginação: “que produz a linguagem literária dos poemas, peças teatrais, romances” (FRYE, 2017, p. 19). A notar que: “não são de fato três línguas, mas sim três motivos para usar palavras” (FRYE, 2017, p. 19). Contudo, dentre estas três utilizações a que mais importa para este estudo é a relacionada à imaginação e Frye a descreve exatamente nessas suas palavras:

Esse terceiro nível é uma visão ou modelo mental do que você quer construir. Aqui de novo a palavra *querer*. As ações humanas são motivadas pelo desejo, e alguns desses desejos são necessidades, como as de alimento, calor e abrigo. Outro desejo é o sexual — o desejo de se reproduzir e trazer à existência mais seres humanos. Mas há ainda o desejo de trazer à existência uma forma humana social: a forma das cidades, jardins e fazendas a que chamamos civilização. Muitos animais e insetos também têm essa forma social, mas o ser humano é consciente de tê-la: ele é capaz de comparar o que faz com o que imagina poder fazer. Começamos então a perceber o lugar da imaginação no quadro das ocupações humanas. Ela é o poder de construir modelos possíveis da experiência humana (FRYE, 2017, p. 18).

Com isso em vista, nota-se que para Frye a literatura é algo essencialmente ligado a imaginação humana e que surge naturalmente dos exercícios desta mesma imaginação. A literatura seria, então, uma consequência natural da imaginação, assim, ao se explicar o que é a imaginação no homem também se explicaria, ao menos em parte, o que é a literatura que é o seu reflexo.

Sobre a linguagem literária diz: “[...] a linguagem da literatura é associativa: usa figuras de linguagem como o símile e a metáfora, para sugerir alguma identidade entre a mente humana e o mundo exterior a ela – sendo essa identidade aquilo que mais importa a imaginação” (FRYE, 2017, p. 31). Neste trecho se depreende mais algumas nuances da natureza literária quais sejam: o seu componente de analogia entre homem e natureza além de instrumentos linguísticos para a realização de tal identidade como o símile e a metáfora.

Também é posto por Frye que a literatura surge naturalmente juntamente com o surgimento de alguma sociedade qualquer. Contudo, no início de alguma cultura, crenças costumes e arte estão todos misturados e na medida em que evoluem a literatura surgida com aqueles home vai tomando forma mais precisa:

Nenhuma sociedade humana é tão primitiva que não tenha alguma espécie de literatura. O único porém é que a literatura primitiva não chegou ainda a distinguir-se dos outros aspectos da vida: ainda está incrustada na religião, na magia e nas cerimônias sociais. É possível, no entanto, observar a expressão literária plasmar-se em meio a tudo isso e formar como uma moldura imaginativa que contém a literatura dela descendente. Conta-se uma série de histórias sobre deuses, e cria-se uma mitologia [...] os mesmos tipos de personagens vão introduzindo-se nas lendas, nos contos populares e, à medida que a literatura evolui, na ficção (FRYE, 2017, p. 33).

Na tentativa de se definir literatura tem-se até agora a sua origem — a saber: nos mitos e na imaginação humana. E uma outra peculiaridade literária diz respeito a sua natureza de possuir convenções, ou seja, algumas formas típicas e aceitas de se escrever em determinado período ou como característica perene literária como por exemplo os escritores na época de Shakespeare repetirem alguns padrões de temáticas como frustrações sexuais; quanto a tendências que ocorrem desde sempre pode-se citar os desfechos dos romances ocorrendo em situações semelhantes para finalizar alguma história como o soar de sinos das igrejas funerárias, casamentos e afins, também existem as convenções quanto aos roteiros, desfechos e certos tipos típicos de personagens (FRYE, 2017). Mas para evitar reducionismos, Frye observa que:

Não estou que dizendo que não há nada de novo na literatura; estou dizendo que tudo é novo, mas também reconhecível como a mesma espécie de coisa que o velho, assim como um novo bebê é genuinamente um novo indivíduo, mas também um exemplo de algo muito comum, o ser humano [...] (FRYE, 2017, p. 38).

Na tentativa de apontar características universais inerentes a literatura — mesmo sabendo do desafio que isto se mostra: “Este conceito de ‘literatura como um todo’ suscita outra questão: será possível obter, ainda que da forma mais tosca e esboçada, uma visão panorâmica da literatura como um todo [...]?” (FRYE, 2017, p. 42) — o autor defende que “construir uma obra de arte exige certo princípio de repetição ou recorrência: é o que confere ritmo à música e padrão a pintura” (FRYE, 2017, p. 42). E isto acontece na literatura através da analogia em que é feita entre o mundo humano e a natureza onde esta última acontece em ciclos, como o ciclo do dia conduzido pelo sol ou rotação da terra, das estações do ano, ciclo da água etc. E assim a vida humana na literatura se mescla com a mitologia dos heróis que nascem sofrem se redimem são traídos ou mortos. E este é o tipo de ciclo comum a literatura segundo o autor.

Até aqui, tem-se algumas características da literatura como um todo que podem ser usadas na construção de uma definição quais sejam: a literatura e a sua ligação com a imaginação humana, sua peculiaridade de ser sempre nova, mas convencional ao mesmo tempo. A sua analogia inerente entre natureza e homem e, por ser uma arte, como explica Frye, a sua ocorrência seguindo uma determinada repetição.

Frye prossegue com mais alguns atributos deste objeto em questão como uma tentativa de resgate da identidade perdida ou do sentimento de identidade perdida:

‘Sinto-me separado, isolado deste mundo, mas certas vezes me senti como se ele fosse parte de mim. Espero que eu volte a experimentar essa sensação, e que da próxima vez ela não se esvaia’. Este é um delineamento borrado, nebuloso, da história tantas vezes contada de como o homem já viveu numa era de ouro, ou num jardim do Éden ou das Hesperídes, ou numa ilha feliz do Atlântico, e como esse mundo foi perdido, e como esperamos retornar para ele um dia. Eu disse que esse é um sentimento de identidade perdida e que a poesia ao usar a linguagem da identificação — a metáfora —, tenta reconduzir-nos a imaginação de volta a esse sentimento (FRYE, 2017, p.45).

Sendo isto de fundamental importância para a compreensão da literatura: “A história da perda e reconquista da identidade é, a meu ver, o arcabouço de toda a literatura” (FRYE, 2017, p.48).

Sobre algum possível aspecto moral presente na literatura Frye considera que o que há na realidade literária é mais um caráter irônico que qualquer outra coisa:

O tom com que a literatura trata este mundo não é moralizante, mas o que chamamos de tom irônico. A ironia permite-nos observar o plano geral de uma situação — há ironia numa peça, quando por exemplo, sabemos melhor o que está acontecendo do que os personagens (FRYE, 2017, p. 49).

Ironia, aqui, se dá quando o autor faz com que o público mergulhe em determinada história, mas de um modo privilegiado em relação aos personagens que não têm uma visão vista de fora e com mais informações suas próprias vidas. Ademais, há ainda o processo de identificação: “[...] quanto mais realista um escritor e mais parecidas conosco as suas personagens, maior a sua propensão para a ironia, isto é, para colocar-nos acima das personagens, de onde possamos afastar-nos do mundo delas e vê-lo com clareza e em totalidade (FRYE, 2017, p. 53).

Dando continuidade à sua teoria literária, Frye também a explica de acordo com a visão aristotélica da coisa e retoma o emblemático pensamento do filósofo grego sobre a questão que dificilmente deixará algum dia de ser mencionado nos âmbitos da crítica literária:

Um historiador faz afirmações específicas e particulares, como “A batalha de Hastings ocorreu no ano de 1066”, e é julgado pela veracidade ou falsidade do que afirma — ou ocorreu a batalha em tal data ou não. Já o poeta, diz Aristóteles, nunca faz afirmações factuais, muito menos particulares ou específicas. Não é a função do poeta informar-nos o que aconteceu, mas o que acontece. Ele não conta aquilo que se deu, mas aquilo que se dá sempre — o evento típico, recorrente ou, como chama Aristóteles, universal (FRYE, 2017, p. 55).

Ainda à luz de Aristóteles, Frye rememora uma potência literária ordenadora das experiências humanas à medida em que vão se acumulando naturalmente, mas de modo desordenado e assim com significado e relevância vagos, mas “Na literatura, porém, muitas dessas impressões de repente ganham ordem e foco. Isto é parte do que Aristóteles quer dizer quando fala em evento humano típico e universal” (FRYE, 2017, p. 55). Antecipando uma possível objeção razoável a este processo que ele depreende da teoria aristotélica da identificação do homem com personagens literários e possível ordenação de suas experiências a partir daí: “mas como isso tudo explica Aquiles, invulnerável exceto no calcanhar e nascido de uma ninfa marítima? Se ninguém é assim como é que se pode considerar Aquiles uma figura típica ou universal?” (FRYE, 2017, p. 55). A resposta é que o homem de fato não é obviamente de fato uma espécie com superpoderes como Aquiles, mas a identificação nesse caso é que se

assim o fosse, um herói tal qual este personagem o homem agiria e faria escolhas semelhantes e teria sentimentos equivalentes aos deste semideus (FRYE, 2017).

Sobre a questão do símbolo na literatura, Frye assim se posiciona:

Em literatura jamais temos somente as ovelhas que mordiscam a grama ou somente as flores que desabrocham na primavera — há sempre alguma razão literária para usá-las, isto é, há sempre um elemento da vida humana que encontra nelas alguma correspondência, semelhança ou representação. Essa correspondência entre o natural e o humano é um dos significados da palavra *símbolo* (FRYE, 2017, p. 57).

Conquanto, Frye recorda que esse recurso, alegoria, não se mostra tão sofisticado quando comparado às sutilezas da alusão: referências igualmente alegóricas, que não fazem, porém, comparação direta com o natural, mas se beneficiam de criações literárias pré-existentes: “A literatura é muito alusiva, e seus elementos centrais, como clássicos gregos e romanos a Bíblia, Shakespeare e Milton, ecoam sem cessar em outras obras” (FRYE, 2017, p. 58).

Há também que ser mencionado o caráter literário que faz aumentar a tolerância humana expandindo a sua alma: “na imaginação as nossas próprias crenças são simples possibilidades, e ainda enxergamos as possibilidades das crenças alheias” (FRYE, 2017, p. 68). Indo mais a fundo: “O que produz a tolerância é o poder do distanciamento imaginativo” (FRYE, 2017, p. 68) o qual a própria literatura é causa: “A literatura ajuda a criar esse distanciamento, assim como a história, a filosofia e tudo o mais quanto valha a pena estudar” (FRYE, 2017, p. 69).

Outrossim, Frye atribui a literatura a capacidade de aumentar a imaginação e vocabulário, mas não a considera um guia moralizante para a vida: “Não existe isso de romance moralmente mal: o seu efeito moral depende inteiramente da qualidade moral do leitor, coisa que ninguém pode prever” (FRYE, 2017, p. 82).

Para explicar mais características que compõem os aspectos da “experiência literária universal” (FRYE, 2017, p.84) e de uma forma mui precisa leia-se esta citação transcrita do escritor e crítico literário Rodrigo Gurgel ao explicar a esta mesma obra de Frye:

A experiência literária, ela é sempre composta de duas metades: um mundo melhor do que este em que nós vivemos e um mundo pior do que este. E são estas duas metades que permitem que a literatura não seja apenas sonho ou devaneio. A literatura seria só sonho, bom, se todos os finais fossem felizes. Mas ela nos apresenta também o horror. Agora, mas como é que a literatura faz isso? Veja, nós podemos ver uma cena de ódio e crueldade, coisas que a gente sabe que fazem parte da vida real. Mas o horror que a imaginação cria por meio da literatura não é um horror paralisante e nauseante de quem está assistindo uma cena real, mas é um horror exuberante, um horror que é alimentado pelo nosso repúdio enquanto nós estamos lendo. Então as coisas horríveis são apresentadas, mas são apresentadas exatamente para que a gente fique longe delas; para que a gente possa ver essas coisas, mas sem participar delas. E isso, esse conhecimento, ele refina a nossa sensibilidade. A literatura nos dá uma experiência que nós jamais conseguiríamos alcançar mesmo que a gente pudesse viver aí muitas vidas. E ela faz isso exatamente porque só ela, só a literatura nos dá o alcance e a amplitude da imaginação humana (GURGEL, 2021).

Dessa forma, tem-se esclarecido que, de acordo com Frye, a literatura, apesar de não ser guia direto para a vida, ao mesmo tempo se aproxima muito dela ao refinar a sensibilidade do homem diante de situações — apresentadas a ele por meio do distanciamento literário.

Enfim, uma imaginação bem treinada pela literatura será capaz de uma eficácia de raciocínio e comunicativa proporcionais. Coisa de grande valia enquanto permite que um indivíduo se faça entender e que compreenda melhor o mundo e contexto que está mergulhado e aja de maneira mais livre a partir do seu pensamento, sem uso alienante dos clichês e jargões que formam uma sociedade de preguiçosos para pensar e iludidos de que pensam (FRYE, 2017).

Conclui-se, aqui, uma primeira tentativa de construção firmada em Northrop Frye do conceito de literatura que poderia ser resumido com grande risco de perdas como: tipo de arte ligada às palavras que surge de um tipo de uso da linguagem humana relacionado a imaginação.

### **3.2 Tzvetan Todorov**

O próximo autor para ajudar a melhor compreender a natureza poética chama-se Tzvetan Todorov; com a sua obra ‘A Literatura em Perigo’ (2020). Todorov (1939 – 2017) foi um historiador e ensaísta nascido na Bulgária.

Inicialmente, Todorov (2020) realiza um trajeto histórico a respeito das diversas concepções sobre tal arte poética. Nesta linha do tempo, a começar pela clássica, são mencionados Horácio e Aristóteles quando definem literatura como imitação da natureza e quanto a de sua finalidade que seria de deleitar e instruir. Já Idade Média, a arte seria concebida como instrumento de instrução aos iletrados. Depois, no Renascimento, as coisas paulatinamente foram se modificando: passou-se a exigir que a poesia fosse sobretudo bela, mas significando ainda belo enquanto verdadeiro. Mais adiante, tudo isso na história da civilização ocidental, com “a progressiva secularização da experiência religiosa e uma concomitante sacralização da arte” (TODOROV, 2020, p.46) a imagem do artista que cria foi sendo associada ao Deus monoteísta criador do universo. Mas não é apenas essa mudança que marca esse mesmo período: sendo o poeta um criador de um microcosmo (TODOROV, 2020) sua obra não necessariamente deve encontrar qualquer correspondência na natureza, mas deve possuir apenas uma coerência interna, é deixado de lado então o caráter de imitação.

Posteriormente, rompe-se com a concepção clássica: se atribui a função da poesia não mais a de imitar o natural ou a de instruir e sim, por influência também platônica — filósofo que define o bem supremo “como aquilo que basta a si mesmo” (TODOROV, 2020, p.48) e, portanto, nada mais importa não ser a arte e a fruição de sua beleza — a produção do belo.

Nessa altura, portanto, “já não é mais o criador que, em sua liberdade, se aproxima de Deus; é a obra em sua perfeição” (TODOROV, 2020, p. 48). Sim, o belo, antes, também era apreciado, mas não tamanha relevância: “a menos que se situassem na perspectiva platônica na qual o belo se confunde com o verdadeiro e o bem” (TODOROV, 2020, p.49). Consequências disto foram:

Visto a partir da criação ou da fabricação, o artista é apenas um artesão de melhor qualidade: os dois praticam o mesmo ofício, com um pouco mais ou um pouco menos de talento. Ora, se nos situamos do lado de seus produtos, o artesão se opõe ao artista, pois um cria objetos utilitários, o outro cria objetos a serem contemplados apenas pelo prazer estético proporcionado; um obedece a seu interesse, e o outro permanece desinteressado; um se situa sob a lógica do *usar*, e o outro, na do *fruir*; e, por fim, um permanece puramente humano, e o outro se aproxima do divino (TODOROV, 2020, p.50).

E, nesses moldes, nasceu a “estética”: “(literalmente ‘ciência da percepção’), em 1750, num tratado de Alexander Baumgarten dedicado a nova disciplina” (TODOROV, 2020, p. 50).

Em vista disso, surgem lugares em que o belo possa ser fruído ou consumido como museus, galeria e afins: “A concentração num só local de quadros, destinados originalmente a assumir funções as mais diversas nas igrejas, palácios e residências particulares, os reserva para um único uso: o de serem contemplados e apreciados apenas por seu valor estético” (TODOROV, 2020, p. 51). Estabelece-se, então, uma inversão na hierarquia entre sentido e beleza (TODOROV, 2020), este último item passando a ser necessário enquanto aquele contingente: “(a referência teológica ou mitológica) passa a ser meramente facultativo” (TODOROV, 2020, p. 51). Esses dois movimentos resumem a mudança do que se entendia por arte durante o século XVIII: a consideração do criador como um deus e a obra como mero objeto a ser contemplado sem finalidades externas (TODOROV, 2020).

Também no século XX, ocorreram movimentos no juízo artístico como uma acentuação da produção artística voltada ao belo e nada mais, excluindo-se de vez o instrutivo e de imitação clássicos e, portanto, afastando aquela de sua ligação com o mundo (TODOROV, 2020). O que importa para a crítica da época são as proezas técnicas dos criadores: “Parece findar-se assim a época em que a literatura sabia encarnar um equilíbrio sutil entre representação do mundo comum e a perfeição da construção romanesca” (TODOROV, 2020, p. 67).

Depois, ainda no mesmo século, movimentos de vanguarda apresentam uma concepção de arte de ruptura e futurista (TODOROV, 2020) com tudo que ficou conhecida como “arte moderna”, na pintura, acontece o seguinte nas palavras do pintor Mikhail Larionov: “[...] Assistimos aqui ao início da verdadeira libertação da pintura, de sua vida que passa a se referir unicamente a suas próprias leis, da pintura como objeto de si, tendo suas próprias formas, cores e timbres” (LARIONOV, 1913 apud TODOROV, 2020, p. 68). Enquanto, na poesia, tem-se

que: “[...] os futuristas desejam emancipar a linguagem de sua ligação com o real e, portanto, com os sentidos, criando uma língua ‘transmental’” (TODOROV, 2020, p. 69).

O cenário político pós-guerra, em seus desdobramentos, alcança os domínios da arte: esta passa a ser tida como objeto capaz de instruir, contudo, esse retorno a esta ideia clássica não é senão em função da instrumentalização pretendida da literatura e demais categorias da arte por parte dos regimes totalitários a fim de propalar suas ideologias (TODOROV, 2020). Em oposição a isto, surge um movimento de afirmação da autonomia do artista “afirmando que a arte e a literatura não mantêm nenhuma ligação significativa com o mundo. Tal é o pressuposto comum dos Formalistas russos [...]” (TODOROV, 2020, p. 70). Não obstante, tais movimentos, buscando defender a arte da instrumentalização ideológica, correm o risco de romperem a arte de sua ligação com a vida (TODOROV, 2020) e é, de fato, o que acaba por suceder-se a força de três movimentos: formalismo, niilismo e solipsismo que: “Para eles, a relação aparente da obra com o mundo é apenas um engodo” (TODOROV, 2020, p. 71).

Finalmente, para Todorov, a literatura se constitui algo que possibilita ao homem dar forma aos seus sentimentos experimentados bem como ordenar o fluxo de pequenos eventos que constituem a sua vida (TODOROV, 2020). Todorov por certo, vê uma relação mais direta entre a vida e a poesia, mas não tão direta a ponto de se tornar um manual para a vida, coisa que Frye repudia com veemência dizendo que seria uma atitude de um pedantismo atroz (FRYE, 2017). Sem mais voltas, eis o que o próprio Todorov diz a despeito disso:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2020, p. 76).

Sendo que essa proximidade entre literatura e vida acontece também em função de sua origem que não é *ex nihilo*: “Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (TODOROV, 2020, p.22).

Assim como Frye, Todorov também mantém a ponte entre literatura e imaginação: “Mais densa e mais eloquente do que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (TODOROV, 2020). Insight significativo se dá quando o autor diz a literatura ser capaz de proporcionar ao homem um universo de mundos que nunca seriam vividos por quem somente tem uma vida: “Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro

nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente” (TODOROV, 2020, p. 23).

Em síntese, literatura para Todorov é um meio de compreender o homem e o mundo permitindo: “uma melhor compreensão da condição humana” (TODOROV, 2020, p. 88) e que pode transformar o interior de cada um de seus leitores (TODOROV, 2020).

E em relação ao autor é interessante o entendimento dissidente entre Frye<sup>3</sup> e Todorov, enquanto o primeiro considera o artista não um sábio, mas meramente alguém que sabe bem juntar as palavras (FRYE, 2017) este último percebe o artista um verdadeiro douto: “o escritor é aquele que observa e compreende o mundo em que vive antes de encarnar esse conhecimento em histórias, personagens, encenações, imagens, sons” (TODOROV, 2020, p. 91). Noutro trecho sugere o mesmo: “Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoievski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional?” (TODOROV, 2020, p. 93).

## **4 Filosofia e literatura: algumas possíveis convergências**

### **4.1 Literatura, Filosofia e Imaginação**

A primeira relação a ser buscada advém de um raciocínio mui simples e será naturalmente posto em evidência com a explicação do pensamento de Carvalho (2013) em sua obra ‘Aristóteles em Nova perspectiva’ que, como o subtítulo desvela, é uma: ‘introdução à teoria dos quatro discursos’ — o poético, o retórico, o dialético e o analítico — versando sobre um apontamento perspicaz duplo, histórico e gnosiológico — do próprio autor — ao propor o desencontro das obras aristotélicas em função das vicissitudes da vida e ao, mesmo tempo, uma unicidade e continuidade entre elas unificando tudo numa teoria e construindo uma interligação entre estes quatro tipos de discursos utilizados pelo homem (CARVALHO, 2013).

Quanto ao apontamento histórico, o autor brasileiro sustenta que, por motivos diversos, houve uma quebra de unidade no pensamento aristotélico que nunca fora percebida pelos filólogos proporcionando consequências notáveis na história do pensamento ocidental, por exemplo: no campo gnoseológico, obscurecendo o verdadeiro papel do discurso poético e retórico na produção de conhecimento — ‘produção de conhecimento’ porque: “As quatro ciências do discurso tratam de quatro maneiras pelas quais o homem pode, pela palavra, influenciar a mente de outro homem (ou a própria)” (CARVALHO, 2013, p. 29).

---

<sup>3</sup> Aqui, seja permitido este acréscimo oportuno do pensamento de Northrop Frye.

Este desencontro também provocou uma visão incompleta da filosofia aristotélica: “[...] nossa visão da teoria aristotélica do pensamento discursivo é baseada exclusivamente na analítica e na tópica, isto é, na lógica e na dialética, amputadas da base que Aristóteles tinha construído para elas na poética e na retórica” (CARVALHO, 2013, p. 27). Para se esclarecer melhor no que consistiria essa ligação e unidade entre esses quatro discursos — poético, retórico, dialético e analítico — veja-se esse trecho do autor:

[...] Dita assim, a ideia não parece muito notável. Mas, se nos ocorre que os nomes dessas quatro modalidades de discurso são também nomes de quatro ciências, vemos que segundo essa perspectiva a Poética, a Retórica, a Dialética e a Lógica, estudando modalidades de uma potência única, *constituem também variantes de uma ciência única* [...] e isto significa que cada uma delas pressupõem a existência de princípios comuns que as subordinem, isto é, que se apliquem por igual a campos tão diferentes entre si como a demonstração científica e a construção do enredo trágico nas peças teatrais (CARVALHO, 2013, p. 22).

Vê-se que há princípios que unem esses discursos enquanto o costume geral é separá-los:

O espanto que a ideia dos Quatro Discursos provoca a um primeiro contato advém de um costume arraigado da nossa cultura, de encarar a linguagem poética e a linguagem lógica ou científica como universos separados e distantes, regidos por conjuntos de leis incomensuráveis entre si (CARVALHO, 2013, p. 23).

Carvalho busca provar que esta ideia não desvelada até então é de fato aristotélica e fora um insight brilhante por parte do filósofo grego: “[...] é uma excelente ideia, digna de ser retomada, com humildade, por uma civilização que se apressou em aposentar os ensinamentos do seu velho mestre antes de os haver examinado bem” (CARVALHO, 2013, p. 25).

Seguindo, a parte da teoria de Carvalho que diz respeito a história da junção das obras Aristotélicas e que ajuda a fundamentar as relações tratadas neste artigo assim se resume:

Aristóteles escreveu uma Poética, uma Retórica, um livro de Dialética (*os Tópicos*) e dois tratados de lógica (*Analíticas I e II*), além de duas obras introdutórias sobre a linguagem e o pensamento em geral (*Categorias e Da interpretação*). Todas essas obras andaram praticamente desaparecidas, como as demais de Aristóteles, até o séc. I a. C., quando um certo Andrônico de Rodes promoveu uma edição de conjunto, na qual se baseiam até hoje nossos conhecimentos de Aristóteles [...] como todo editor póstumo, Andrônico teve de colocar alguma ordem nos manuscritos. Decidiu tomar como fundamento dessa ordem o critério da divisão das ciências em *introdutórias* (ou lógicas), *teóricas*, *práticas* e *técnicas* (ou poéticas como dizem alguns). Esta divisão tinha o mérito de ser do próprio Aristóteles. Mas, como observou com argúcia Octave Hamelin<sup>4</sup> não há nenhum motivo para supor que a divisão das obras de um filósofo em volumes deva corresponder taco-a-taco à sua concepção das divisões do saber. Andrônico deu essa correspondência por pressuposta, e agrupou os manuscritos, portanto, nas quatro divisões. Mas, faltando outras obras que pudessem entrar sob o rótulo de *técnicas*, teve de meter lá a *Retórica* e a *Poética*, desligando-as das demais obras sobre a teoria do discurso, que foram compor a unidade aparentemente fechada do *Organon*, conjunto das obras lógicas ou introdutórias [...]” (CARVALHO, 2013, p. 25).

---

<sup>4</sup> “É talvez excessivo exigir que as obras de um autor correspondam ponto por ponto à classificação das ciências tal como a compreende esse autor.” (Actave Hamelin, *Le Système d’Aristote*, publié par Léon Robin, 4e. éd. Paris, J. Vrin, 1985, p. 82)” (CARVALHO, 2013, p. 25).

Voltando-se com maior acuidade para o sentido de cada discurso, de acordo com o autor, eles: “caracterizam-se por seus respectivos níveis de credibilidade” (CARVALHO, 2013, p. 30). Assim, o discurso poético fala do possível e se remete a imaginação. Enquanto o retórico destina-se ao verossímil e quer provocar uma crença firme supondo a anuência da vontade, este discurso se relaciona a persuasão de outrem. Quanto ao dialético, este, almejando a verdade, busca por a prova as crenças tentando refutá-las racionalmente em embates de teses. Por fim, no âmbito analítico, se pretende verificar a validade lógica dos silogismos:

*Possibilidade, verossimilhança, probabilidade razoável e certeza apodíctica* são, pois, os conceitos-chave sobre os quais se erguem as quatro ciências respectivas: a Poética estuda os meios pelos quais o discurso poético abre à imaginação o reino do possível; a Retórica, os meios pelos quais o discurso retórico induz a vontade do ouvinte a admitir uma crença; a Dialética, aqueles pelos quais o discurso dialético averigua a razoabilidade das crenças admitidas, e, finalmente, a Lógica ou Analítica estuda os meios da demonstração apodíctica, ou certeza científica (CARVALHO, 2013, p. 31).

O xis da questão é que essas ciências, de acordo com o que carvalho depreende de Aristóteles, devem possuir necessariamente uma ligação orgânica entre elas:

Ora, aí os quatro conceitos básicos são relativos uns aos outros: não se concebe o verossímil fora do possível, nem este sem confronto com o razoável, e assim por diante [...] o que as define e as diferencia não são conjuntos isoláveis de caracteres formais, porém quatro possíveis atitudes humanas ante o discurso [...] o homem discursiva para abrir a imaginação à imensidade do possível, para tomar alguma resolução prática, para examinar criticamente a base das crenças que fundamentam suas resoluções, ou para explorar as consequências e prolongamentos de juízos já admitidos como absolutamente verdadeiros, construindo com eles o edifício do saber científico (CARVALHO, 2013, p.31).

Outro ponto elencado pelo autor para defender sua tese aristotélica é o paralelismo que se dá entre a passagem do discurso poético ao analítico e a teoria do conhecimento de Aristóteles que também percorre um caminho que envolve imaginação até as formas lógicas<sup>5</sup>:

Não poderia mesmo ser de outro modo: se o indivíduo humano não chega ao conhecimento racional sem passar pela fantasia e pela simples apreensão como poderia a coletividade — seja a *polis* ou o círculo menor dos estudiosos — chegar à certeza científica sem o concurso preliminar e sucessivo da imaginação poética, da vontade organizadora que se expressa na retórica e da triagem dialética empreendida pela discussão filosófica? (CARVALHO, 2013, p. 35)

---

<sup>5</sup>“Para Aristóteles, o conhecimento começa pelos dados dos sentidos. Estes são transferidos à memória, imaginação ou fantasia [...], que os agrupa em imagens [...] segundo suas semelhanças. É sobre estas imagens retidas e organizadas na fantasia, e não diretamente sobre o dado dos sentidos, que a inteligência exerce a triagem e reorganização com base nas quais criará os esquemas eidéticos, ou conceitos abstratos das espécies, com os quais poderá enfim construir os juízos e raciocínios. Dos sentidos ao raciocínio abstrato, há uma dupla ponte a ser atravessada: a fantasia e a chamada *simples apreensão*, que capta as noções isoladas. Não existe salto: sem a intermediação da fantasia e da simples apreensão, não se chega ao estrato superior da racionalidade científica. Há uma perfeita homologia estrutural entre esta descrição aristotélica do processo cognitivo e a Teoria dos Quatro Discursos (CARVALHO, 2013, p. 35)

E ainda, Carvalho adiciona um outro termo dentro desta mesma comparação que seria uma releitura histórica evidenciando que, na história da humanidade, em cada época predominou um dos quatro discursos, não por coincidência, mas em função do modo natural como acontecem as coisas sempre do mito, do possível, da imaginação até o rigor científico: “Esse princípio resume-se assim: *cada um dos quatro discursos desfruta de autoridade durante um [...] período da história e a ordem da sucessão dos discursos dominantes acompanha a escala da credibilidade crescente, do poético para o analítico*” (CARVALHO, 2013, p. 37).

Se depreende disto tudo que: Carvalho coloca três processos — na verdade até quatro processos se se considerar também a cosmologia aristotélica <sup>6</sup>— ocorrendo de uma maneira homóloga: um histórico — predomínio de um tipo de discurso em cada época — outro filosófico — a sucessividade natural em que se dão cada um dos quatro discursos bem como o auxílio entre o anterior ao seu sucessor — e, finalmente, o processo de apreensão das essências das coisas — teoria do conhecimento ou gnosiológica aristotélica — interligados por um lugar comum que seria esta ligação e transição que se dá no homem sempre do sensível ao abstrato.

Mas, dentre estas comparações, uma se destaca nessa conjectura que é entre o processo de conhecimento aristotélico e os quatro discursos. Sobre isso, alguns trechos *ipsis litteris* do autor devem ser destacados: “O pensamento lógico não seria possível sem a ajuda desta faculdade tantas vezes desprezada, caluniada, abandonada às crianças e aos loucos: a imaginação” (CARVALHO, 2013, p. 50); depois: “segundo Aristóteles, o conhecimento se constitui de uma série de filtragens, seleções e estruturações progressivas, que começam nos sentidos (na experiência) e culminam na estrutura racional do conhecimento” (CARVALHO, 2013, p. 51); ainda: “O conhecimento não vem da experiência, nem da razão: vem da estruturação racional da experiência depositada na memória e depurada pela imaginação” (CARVALHO, 2013, p. 51); E: “O conhecimento é para Aristóteles um processo unitário, orgânico que se eleva progressivamente desde as formas elementares, comuns ao homem e ao animal, até as grandes sínteses da ciência e da filosofia” (CARVALHO, 2013, p.51).

Como conclusão e cerne de todo o exposto segue o próprio fechamento do autor:

Quero chegar à conclusão inevitável de que, se o processo cognitivo, para Aristóteles, é uma unidade orgânica que vem das sensações, passa pela imaginação, se eleva ao pensamento e chega à organização racional do mundo, sem salto nem descontinuidade, do mesmo modo o *método* do conhecimento, o *Organon* ou instrumento metodológico que estrutura a atividade científica, deveria ser também

---

<sup>6</sup> “Esta breve descrição da gnoseologia e da antropologia aristotélicas poderia ser completada com a da cosmologia de Aristóteles, que mostra o cosmos escalonando-se em graus hierárquicos desde a razão divina até os seres do mundo sensível. Isto mostraria a gênese do conhecimento humano como uma espécie de imagem invertida e dialeticamente complementar da estrutura do mundo” (CARVALHO, 2013, p. 54)

uma unidade coesa, a expressão de um organismo em evolução sem hiatos [...] Para esse fim, *Organon* deveria conter, antes da lógica propriamente dita, uma “lógica da imaginação”, sem a qual a armadura das ciências arriscaria a reduzir-se a um mero conjunto de esquemas formais, sem ligação com a realidade da experiência. Dito de outro modo [...] a formação do sábio não deveria começar pela disciplina da imaginação? (CARVALHO, 2013, p. 55).

Concluída a exposição do pensamento de Olavo de Carvalho, se percebe mais que naturalmente, levando em consideração o que Frye (2017) entende por literatura e seus efeitos, alguma espécie de relação entre literatura e o saber teórico filosófico tendo como elo a imaginação. No último parágrafo, a última citação diz muito quando indaga sobre o sábio e sua formação, ao pressupor que o sábio é o mesmo filósofo, há uma sugestão que este precisa ser formado e que seria de grande auxílio que sua formação levasse em conta a disciplina da imaginação, esta que, por sua vez, de acordo com Frye é passível de ser educada através da literatura. Logo, ao que parece, a literatura pode se fazer auxílio na base da formação intelectual visto ser esta uma educação à imaginação — segundo Frye — e visto ser a imaginação ponte entre o sensível e o lógico imaterial, entre o mundo a ser compreendido e o homem racional.

O que permanece ainda obscuro é como se daria este treinamento da literatura a imaginação e este auxílio da imaginação treinada pela literatura a especulação filosófica. Talvez a imaginação, ao ser favorecida pela literatura, seja capaz de oferecer mais realidades oriundas da própria literatura como base de raciocínios. Assim, o sábio não precisaria viver milhares de vidas conseguir uma vasta especulação sobre diversos temas, mas apenas ter uma imaginação capaz de pensar em cenários múltiplos que sejam propícios a serem pensados de modo lógico. Nesse sentido Todorov esbarra-se nessa temática quando traz alguns autores para ajudá-lo a entender o que seria a literatura pelas palavras do teórico americano Richard Rorty explica:

A leitura de romances, segundo ele, tem menos a ver com a leitura de boas obras científicas, filosóficas ou políticas do que com outro tipo bem distinto de experiência: a do encontro com indivíduos. **Conhecer novas personagens é como encontrar novas pessoas [...]. Quanto menos essas personagens se parecem conosco mais ampliam nosso horizonte, enriquecendo assim nosso universo.** Essa amplitude interior [...] não se formula com o auxílio de proposições abstratas, e é por isso que temos tanta dificuldade em descrevê-la (TODOROV, 2020, p. 80, negrito nosso).

Talvez esse segundo trecho seja mais de maior auxílio na precisão argumentativa:

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo [...] somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente (TODOROV, 2020, p. 23).

Nesse sentido, talvez a imaginação educada pela literatura dê uma maior ‘amplitude interior concreta de vidas alheias’ que proporcionarão ao intelectual um contato muito amplo com o

mundo mediado pela imaginação e literatura; onde, este contato com o mundo serviria de matéria prima para tentativa de compreensão lógica do homem e do mundo.

Mas parece haver nesse processo uma diferenciação sutil no modo de atuação da faculdade imaginativa. Talvez ela forneça ‘matéria-prima filosófica’ através dos personagens e histórias que apresenta em cada romance ou poesia ou, talvez, esta seja apenas a etapa inicial onde o leitor será capaz de imaginar por si só cenários de sua própria criação imaginativa.

Assim, a imaginação talvez não ofereça ‘novas vidas’ a serem pensadas filosoficamente através dos personagens literários, mas apenas, por desdobramento de seu papel cognitiva de acordo com Carvalho e o próprio Aristóteles, em contato com a literatura, posteriormente quando utilizada para fins teóricos se mostre mais criativa em seu papel de mediadora na formulação dos conceitos fundamentais filosóficos:

Segundo Aristóteles, todo conhecimento humano tem origem, temporalmente, nas *sensações*. Se os cinco sentidos não nos informassem do que se passa no mundo, não teríamos conhecimento nenhum. Mas todos os bichos têm sensações, e neste sentido sabem tanto quanto nós. Se alguns bichos sabem mais do que os outros, a diferença não se deve ser buscada nas sensações, e sim em alguma outra função, que neles tenha um desenvolvimento decisivamente superior. Esta função é a *memória*<sup>7</sup>. O homem é o animal que tem a memória mais rica e diferenciada, e por isto sabe mais do que os outros animais. Até aqui Aristóteles parece um empirista. Mas a memória, para ele, não é mero registro passivo. **Ela é também faculdade imaginativa, que combina e funde as imagens, criando novos padrões. Memória e imaginação são para Aristóteles uma só e mesma faculdade, que ele denomina *fantasia*, e que realiza duas operações diversas conforme repita as mesmas imagens ou as combine com outras formando uma multidão inesgotável de misturas** (CARVALHO, 2013, p. 48, grifo nosso).

Nesse mesmo sentido: “[...] a literatura amplia o nosso universo, **incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo**” (TODOROV, 2020, p. 23, grifo nosso). E, em concordância com estes autores sobre o valor da imaginação para o pensamento e vida Frye diz:

A imaginação é certamente essencial a ciência, seja aplicada ou pura. Sem um poder mental construtivo capaz de criar modelos experimentais, de descobrir pistas e segundas, de brincar livremente com as hipóteses e assim por diante, os cientistas não chegariam a lugar nenhum (FRYE, 2017, p. 83).

É interessante que depois deste último trecho o autor estabelece que literatura e vida não guardam relações diretas (FRYE, 2017). Logo, parece a literatura ajudar com a imaginação de ambos os modos: por vezes de modo mais direto como propõe Todorov, e por vezes de modo indireto, sendo a literatura apenas um campo de treinamento para a imaginação que posteriormente será usada ao bel prazer da pessoa para construir os seus mundos individuais de **possibilidades e recombinações**.

---

<sup>7</sup> Met., A, 1, 980a 21-30 (CARVALHO, 2013, p. 48).

## 4.2 Literatura, Filosofia e verdade

Noutra vertente, ao se considerar o que Todorov aponta como autêntica concepção literária, se tem uma aproximação entre a vida e esta arte, uma aproximação onde a arte literária mostra-se como fonte de explicações diversas, mas sobretudo do homem:

Senti necessidade de me familiarizar com elementos e conceitos da psicologia, antropologia e história. Uma vez que as ideias dos autores recuperavam todas as suas forças, quis, para melhor compreendê-las, mergulhar na história do pensamento que concerne ao homem e suas sociedades, na filosofia moral e política (TODOROV, 2020, p. 21).

O contexto dessa citação é o do autor — Todorov — saindo de um modo de análise estruturalista das obras para buscar entendê-las em seu sentido e relação com o real — estabelecendo assim uma forte ligação entre literatura, filosofia e vida — ao se propor buscar na filosofia moral e política um auxílio para melhor entender o que dizem os poetas e romancistas.

Ora, o que os grandes filósofos relegam a humanidade é justamente um edifício do saber que busca explicar com linguagem pragmática o homem e o mundo. Nessa perspectiva, literatura e filosofia demonstram ser aliadas em ajudar o homem a se compreender melhor — logo, isto pode se constituir um outro modo de se olhar para filosofia e literatura. Mais especificamente, a literatura que ajuda o homem a se compreender se vincularia à antropologia filosófica — mas também o restante do mundo; noutras palavras: filosofia e literatura parecem ambas constituírem dois caminhos que alçam o homem ao patamar contemplativo: “À falta de fundamentação racional, um verso de Homero é sempre o melhor argumento de autoridade, que nem os próprios filósofos desdenham. Esta autoridade só se pode comparar à da Bíblia e à dos Padres da Igreja, nos primeiros tempos do Cristianismo” (JEAGER, 1995, p. 778).

E, quando o homem acabar por modificar aprimorar seus atos deliberados em função da literatura, — “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver (TODOROV, 2020, p. 76) — esta se assemelharia à filosofia prática que é a moral: que, de acordo com Simon (1981), é campo do saber filosófico com embasamento metafísico que estabelece a ponte entre o saber teórico e seus desdobramentos na vida prática humana analisando a moralidade ou bondade dos atos humanos servindo-se de critérios racionais objetivos nessa análise ética<sup>8</sup>. Sendo esta

---

<sup>8</sup> “Passando da filosofia teórica à normativa, a principal distinção é entre, por um lado, questões a respeito da boa vida e aquilo que é certo ou errado na conduta do indivíduo – tudo o que faz parte do terreno da ética [...]” (ADLER, 2010, p. 282)

análise também podendo ser extraída através do mundo literário: “Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a esta tarefa há milênios?” (TODOROV, 2020, p. 93).

Contudo, Todorov não é o único que estabelece relações mais intrincadas entre literatura e vida, além do campo moral, o saber literário também parece ser capaz de fornecer luzes ao sentido último da vida tal como o faz por excelência a filosofia:

Aliás, basta um simples olhar pela história antiga para ver com toda a clareza como surgiram simultaneamente, em diversas partes da terra animadas por culturas diferentes, as questões fundamentais que caracterizam o percurso da existência humana: Quem sou eu? Donde venho e para onde vou? Por que existe o mal [...] Estas perguntas encontram-se nos escritos sagrados de Israel, mas aparecem também nos Vedas e no Avestá; achamo-las tanto nos escritos de Confúcio e Lao-Tze, como na pregação de Tirtankara e de Buda; e assomam ainda quer nos **poemas de Homero e nas tragédias de Eurípidés e Sófocles, quer nos tratados filosóficos de Platão e Aristóteles** (JOÃO PAULO II, 1998, p.6, grifo nosso).

Este trecho do filósofo João Paulo II deixa claro que filosofia, literatura e, nesse caso, também a religião realizam algo em comum que é oferecer ao homem uma explicação do sentido da sua vida. Cada esfera de sapiência o faz a seu modo específico. A literatura através de um mundo ficcional, mas que fala do que pode acontecer, do possível (ARISTÓTELES, 2008), a filosofia através das especulações lógicas – mas passíveis de serem auxiliadas por uma imaginação fértil vida carvalho (2013) — e a religião cristã, por exemplo, através da fé na revelação sobrenatural e na teologia que é estudo de Deus através desta mesma revelação — no entanto sem prescindir da razão (SÃO JOÃO PAULO II, 1998).

De acordo também com Carvalho (2013) a literatura no séc. XX “proclama sua independência de qualquer “conteúdo”, corta seus laços com o mundo da experiência humana e do saber” (p. 41); disto se infere que a literatura tem sim essa relação com o saber porém que por motivos diversos em dado momento tal relação fora cortada, mas no sentido de que houve mudanças na concepção da natureza literária e não por que sua natureza tenha se modificado de fato, é claro, Todorov afirma justamente essa imutabilidade da literatura implicitamente já no título de sua obra “A Literatura em Perigo”, o que o título na verdade de fundo é: “o homem que em perigo” — por não mais entender o que de fato é a literatura.

Finalmente usado aqui para a construção da definição de filosofia, Reale (2017) escreve que esta surge em também em função de uma sabedoria anterior, a poética.

### **4.3 Literatura, Filosofia e suas potências para atingir a verdade**

Também há a ressalva que a arte literária tenha um alcance maior em seus ensinamentos — assumindo a concepção clássica de que esta de fato possa instruir — visto possuir algumas

peculiaridades ausentes nos escritos filosóficos como a própria linguagem poética, saber. Quando em linguagem que lhe é própria e demais recursos poéticos parece conseguir alcançar o espírito mais facilmente em comparação com o discurso analítico e pragmático filosófico. Num contexto de discussão sobre a estética, Todorov (2020) acaba por abrir outra pauta dentro de uma anterior versando justamente sobre literatura e filosofia:

Esses pensadores não renunciam, portanto, a ler as obras literárias como um discurso sobre o mundo, mas procuram, especialmente distinguir entre duas vias, a dos poetas e a dos cientistas (ou filósofos), cada um deles com suas vantagens, sem que uma seja inferior à outra: duas vias que conduzem o homem ao mesmo objetivo, uma melhor compreensão do homem e do mundo, uma sabedoria mais ampla (TODOROV, 2020, p. 54).

E nesse mesmo pensamento ininterruptamente ele — Todorov — evoca o pensamento do filósofo Gianbattista Vico a respeito do assunto:

É impossível ao homem ser ao mesmo tempo poeta e metafísico sublime; a razão poética se opõe a que isso ocorra; de fato, ao passo que a metafísica separa o espírito dos sentidos, a faculdade poética quer, ao contrário, mergulhá-lo neles; ao passo que a metafísica se eleva às ideias universais, a faculdade poética se dedica aos casos particulares (TODOROV, 2020, p. 55).

É interessante tudo isso porque Aristóteles relaciona a poética ao universal, mas, na verdade, ainda não há contradição com este último trecho. O filósofo de Estagira diz a poesia se relacionar com o universal quando fala não de um caso particular histórico real mas quando fala através de um caso concreto fictício mas que pode acontecer, portanto, não se limita em algo que é de caráter universal – universal porque é possível que ocorra - porém abstrato mas consegue unir universal abstrato e particular concreto ao mesmo tempo diferentemente da ação teórica pura; e não se prende aos particulares como o historiador em função de sua liberdade criadora imaginativa fictícia. Por isso, alguns autores como Philip Sidney (2019) outorgam a poesia essa superioridade no discurso por conseguir unir na mesma fala o sensível o lógico conseguindo, assim se fazer captar mais facilmente pela razão humana.

Concluindo esta alteração a respeito do alcance da filosofia e literatura na alma humana, Todorov traz, além de Gianbattista, um segundo autor, Baugarten com suas obras *‘Mediações filosóficas sobre a Poesia’* (1735) e *‘Estética’* (1750) e assim resume o pensamento deste autor sobre tal tema: “A abstração apreende o geral ao custo, porém, de um empobrecimento do mundo sensível; a poesia capta sua riqueza, mesmo que as conclusões às quais chega careçam de clareza; o que ela perde em acuidade, ganha em vivacidade” (2020, p. 56). Também Frye não é alheio a este ponto: “há as estruturas verbais do senso prático, da religião, da moralidade, das ciências, da filosofia; e uma das ocupações da literatura é ilustrá-las, transpondo ideias abstratas para imagens e situações concretas” (2017, p. 57).

#### 4.4 Literatura, Filosofia e Linguagem

Frye (2017), entre outros autores, apontam para a importância da linguagem numa sociedade. Se faz necessário um domínio da linguagem para se raciocinar melhor. Aprender outros idiomas, segundo Frye, é um modo de escapar aos automatismos de uma língua só e, assim, se conseguir pensar com maior clareza (FRYE, 2017). Porém, em função do exercício da imaginação, literatura também auxilia numa linguagem menos automatizada e, portanto, auxilia, juntamente com o domínio de outros idiomas, num melhor pensamento: “Quanto a nós, não podemos expressar, pensar e compreender sequer a nossa própria existência a não ser dentro dos limites do nosso poder sobre a linguagem — e esses limites foram estabelecidos para nós pelos grandes escritores” (FRYE, 2017, p. 90). E, na mesma direção, Frye claramente aponta essa relação da língua com filosofia literatura e vida: “A matemática pura dá forma às ciências desde dentro, e minha tese é que os mitos e imagens literárias também dão forma desde dentro a todas as estruturas construídas sobre palavras” (FRYE, 2017, p. 110).

Portanto, a literatura se mostra um auxílio a sociedade ao refinar sua sensibilidade numa melhor utilização da linguagem fazendo com que a realidade seja descrita de forma mais precisa e, conseqüentemente, fazendo com que se entenda cada vez melhor o mundo.

#### 4.5 Literatura, Filosofia e Educação

Outrossim, **parece a filosofia estarem ligadas a educação e, portanto, por esta, ligadas.** Tal ligação se dá da seguinte forma.

A começar por educação: de acordo com Antônio Donato Rosa<sup>9</sup>: “No ensino, nós formamos o homem. O objetivo do homem é aquilo que é bom para o homem”. Logo, de acordo com o autor, **o papel da educação deve ser formar o homem de tal forma que este saiba o que é bom para si próprio.** Porém, antes de adentrar neste campo, depreende-se da fala de Donato, que a qualidade da educação irá depender da concepção pressuposta do que seja o homem — pois o que será bom para este estará em função da ideia que se tem sobre o mesmo.

Em suma, pode-se dizer que o homem é um ser transcendente, de alma intelectual ou racional (AQUINO, 2010); tal capacidade intelectual faz com que a característica primordial do ser humano seja a sua busca por entender a existência, inclusive a si mesmo — um desejo de possuir a verdade. Logo, este é um ser que busca a sua realização ou felicidade; e que

---

<sup>9</sup> Rosa, A. D. Notas de Filosofia e História da Educação. Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br>.

somente poderá alcançar seu objetivo mediante a meditação e contemplação teórica da realidade (AQUINO 2010). Aristóteles já sabia disso: “O bem próprio do homem consiste na vida teórica contemplativa, quer dizer, no exercício da atividade de sua potência mais alta, que é a inteligência”<sup>10</sup>(ARISTÓTELES apud FRAILE, 2018, p.519). Essa postura de busca, meditação e contemplação das verdades pode ser denominada filosofia: um tipo de saber que tenta dar resposta às questões mais relevantes da vida (MELENDO, 2014).

Ou seja, retornando à concepção de Rosa — muito fundamentado e em consonância com a Paideia Grega (JAEGER, 2020) — o papel da educação seria o de formar indivíduos que buscassem fazer o que é mais próprio do ser humano e de mais nenhum outro ser, ou seja: indivíduos que buscassem o sentido último da existência. Constata-se que não há outro objetivo educacional que não seja lograr o homem a sua potência mais superior — a virtude intelectual.

E, de acordo com Santo Tomás (2017), o homem pode ser de fato verdadeiro mestre de outro homem auxiliando o lume da razão, ademais, para não se ferir os princípios da doutrina metafísica aristotélica das causas (ALVIRA, 2014) todo educador, antes de tudo, é preciso ser um verdadeiro amigo da sabedoria porquanto toda causa eficiente precisa ser em ato o que quer conferir a outrem. Assim, pode haver um mestre que torne menos árduo o caminho à verdade podendo auxiliar transmitindo conceitos anteriormente contemplados por pelos grandes homens da história: “Cultivar a admiração dos pensadores ilustres e o conseqüente convívio com eles é o meio, não de se tornar aqueles que você honra, mas aquele que você é, e repito que é este o objetivo a visar e alcançar” (SERTILLANGES, 2019).

Portanto, parece ser a educação aquela atividade natural humana coletiva (JAEGER, 2020) visa fornecer os meios ou caminhos para o homem buscar sua plenitude através do seguimento da sua natureza intelectual, ou seja, inclinada à verdade.

Do que já fora dito, pode-se dizer que o caminho filosófico — ‘caminho filosófico’ entendido, aqui, como atitude individual de reflexão teórica <sup>11</sup>— é o meio excelente de alcançar a verdade. E que o objetivo da autêntica educação é ensinar o homem a traçar esse caminho. E a literatura<sup>12</sup>, bem aproveitada, pode constituir parte integrante e fundamental desse caminho do conhecimento: ‘A história demonstra que a arte literária tem uma função **educativa** muito eficaz [...] Enriquecendo a imaginação e atingindo a emoção’ (Zamboni, 2011, p.149).

---

<sup>10</sup> Nossa tradução de um trecho originalmente em espanhol;

<sup>11</sup> Essa observação se mostra importante porquanto mais a frente se considerará caminho filosófico como ‘legado de pensamento teórico’.

<sup>12</sup> A boa literatura. Sim, pode haver uma má literatura, que não conduz ao bem ao belo e ao verdadeiro (NOUGUÉ, 2018).

Continuando, Aristóteles (CARVALHO, 2013) e São Tomás (AQUINO, 2010) são de acordo que o conhecimento universal das coisas é o conhecimento intelectual, porém consideram a existência e validade do conhecimento sensível; e veem neste último, caminho ou etapa fundamental na formulação posterior de conceitos teóricos por parte da razão humana.

Nesse aspecto argutivo, a literatura possui uma eficácia que lhe é particular — em função de sua forma linguística característica: ela age no âmbito das potências sensitivas humanas que se dividem entre externas: visão, audição, tato, olfato e paladar e internos: memória, imaginação senso comum, estimativa e apetitivo <sup>13</sup>(ARISTÓTELES apud FRAILE, 2018). Portanto, a literatura por conseguir tocar e alterar as potências sensitivas<sup>14</sup>, como a imaginação humana, tornando-as mais amplas, acaba por aumentar o potencial especulativo humano, fazendo-o mais promissor na tentativa dos intelectuais de entender e formular novos conceitos ou precisar melhor os já existentes:

Para chegar ao conhecimento lógico, precisamos do suporte do conhecimento poético: o homem, apesar de apreender todos os dados dos cinco sentidos, não os utiliza diretamente, mas transfere-os a imaginação e apenas com as imagens retidas na memória é que a inteligência pode operar (ZAMBONI, 2011, p. 154).

Carvalho (2013) diz que:

Deste modo, a história da gênese do conhecimento humano não é outra coisa senão a história da passagem da razão humana da potência ao ato. Do conhecimento sensitivo para o imaginativo e deste para o racional não existe corte nem ruptura, mas sim somente a progressiva efetivação da potência racional que já está embutida nas sensações mesmas (CARVALHO, 2013, p. 53).

Logo, nota-se primeiramente um pressuposto de um poder atuante real da poesia na alma humana. Mas qual a essência que faz com que a literatura seja capaz de modificar e elevar a alma humana? Pois bem, ainda de acordo com Zamboni:

Razão vem do latim *ratio* que significa proporção. Ter razão é ter o senso das proporções, das medidas, da forma, e **a linguagem literária é justamente uma adequação entre o mundo e as palavras**. Para tomar posse das coisas, é fundamental colocá-las nas palavras justas (ZAMBONI, 2011, p. 155, negrito nosso).

À literatura, caberia a contribuição, nesse estágio primeiro, de despertar ideias e possibilidades vitais latentes e que pela linguagem poéticas se traduzem em conceitos patentes: para Elliot (1991), “o poeta, ao possibilitar que outras pessoas digam aquilo que sentiam, mas não conseguiam exprimir, altera a ordem social e a torna mais consciente de si” (apud ZAMBONI, 2011). Ora, essa tal consciência sobre si e sobre o mundo é justamente o que os

---

<sup>13</sup> Categorias conceituais aristotélicas.

<sup>14</sup> Aqui o assunto aflui novamente no problema da imaginação já tratado anteriormente. O diferencial aqui é que foi buscado relacionar literatura e filosofia também com o problema da temática da educação.

filósofos adquirem como efeito da contemplação que almejam: “Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social que vivemos” (TODOROV, 2009, p. 77).

Desta forma, fica visível que no âmbito da educação, quando utilizada a literatura, os fins educacionais serão provavelmente mais facilmente obtidos e esta ideia não é de longe moderna, ao contrário, a civilização grega clássica que por sinal, sempre foi voltada ao problema da educação já percebera a importância sobretudo da arte literária e da música (JAEGER, 2020) estando previstas estas no seu itinerário educacional: “Assim, a história da educação grega coincide substancialmente com a história da literatura” (JAEGER, 2020, p. 16).

#### **4.5.1 Literatura, Filosofia, reflexão e instrução**

Ainda em um viés educacional, poder-se-ia considerar a seguinte perspectiva que propõe a seguinte questão — não tão trivial: literatura e filosofia<sup>15</sup>, instruem e ensinam ou são, na verdade, discursos poético e lógico<sup>16</sup>, respectivamente, que propendem à reflexão?

Poder-se-ia objetar a relevância desta indagação ao se considerar que por instruir e ensinar e levar outrem a meditação seja tudo o mesmo só que comendo etapas distintas de um processo que na verdade é único. Assim, tais discursos seriam um ato que mostrassem e explicassem a sabedoria alcançada até então por todos os sábios da humanidade e a partir daí causariam a meditação sobre tais verdades já alcançadas não fazendo, no entanto que ninguém se prenda estanque ao que fora dito ali mas fornecendo base essencial para a meditação e contribuição única daquele que está sendo instruído (Sertillanges, 2019).

De igual modo, na doutrina de Santo Tomas no ‘De Magister’, um mestre age como tal quando auxilia a natureza racional do homem para que esta então por si só trace seu caminho individual de aprendizagem; portanto atuariam os textos literários e filosóficos como verdadeiros mestres, ou, em termos modernos: ‘professores’, na concepção de Santo Tomás; de fato, Todorov em determinado momento assim denomina grandes escritores como Fiódor Dostoiévski: “ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoiévski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional?” (TODOROV, 2020, p. 93).

Não obstante, considerando a existência de uma filosofia prática como a moral, pode-se considerar que filosofia e literatura, mas aqui, em específico sobretudo a segunda, ensine de um

---

<sup>15</sup> A filosofia entendida como algo já ‘refletido’ por terceiros e como legado intelectual.

<sup>16</sup> Na terminologia de Carvalho (2013).

modo mais direto através do efeito do exemplo e das atitudes dos personagens. Dante Gallian, alicerçado em Werner Jaeger, discorre sobre o tema nessas palavras:

Assim, no processo de “formação da personalidade” do nobre ou líder aristocrático de grande parte da história da civilização grega, os exemplos e referenciais de virtude são todos extraídos dos poemas homéricos, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Era através da leitura, da recitação e da glosa destes poemas, da consideração, reflexão e da introjeção das histórias dos heróis ali contadas, que boa parte da juventude helênica aprendia o que era o ser humano e o que era ser humano de verdade, isto é, virtuoso. Tratava-se segundo Jaeger, do “efeito pedagógico do exemplo (GALLIAN, 2017, p. 63).

Por fim, Santo Tomás citador por Pieper (2014) relaciona literatura e filosofia pelo fato de serem duas coisas que provocam o espanto no homem, fazendo-o refletir:

Perceber *no* cotidiano e familiar o verdadeiramente estranho e não-cotidiano, o *mirandum*: este é o começo do filosofar. E nisso, tal como Aristóteles e São Tomás de Aquino afirmam, o ato filosófico é aparentado ao ato poético. Ambos, o filósofo e o poeta, teriam a ver com o admirável, com aquilo que gera e promove admiração (PIEPER, 2014, p. 42).

Pode-se considerar que a admiração causada pela poesia talvez conduza a uma posterior especulação filosófica ou, ao contrário, se detenha a um certo tipo de conhecimento anterior, não através das causas, mas ainda sim um tipo de conhecimento; talvez não se precise todos de que todos os homens terminem tudo num pensamento analítico apodíctico, exemplo: seria como Roger Scruton (2017) diz em relação ao modo de vida conservador onde indivíduos seguem determinados costumes adquiridos pelo exemplo do povo ao qual é pertencente e sabem que há uma bondade intrínseca no seu modo de vida mesmo não sendo capazes de defender tal bondade difusa em sua cultura numa argumentação apodíctica que leve em conta as suas causas últimas.

#### **4.6 Literatura, Filosofia, o Belo e a Verdade**

A literatura relacionada ao belo tem a ver, sobretudo, com o nascimento da estética que é uma concepção da arte do séc. XVIII onde esta mormente deve se voltar para a produção do belo. Diferindo de seu conceito na Grécia antiga, onde as artes seriam, imitação da natureza segundo Aristóteles, e deveriam sobretudo ‘deleitar e instruir’ segundo Horácio (TODOROV, 2020). Mas, mesmo com a manutenção desta mudança de paradigma sobre o que seria a arte e sua finalidade, Todorov (2020) e Carlos Nougé (2021) mostram que mesmo por esse caminho a literatura pode ser relacionada com a verdade — e, portanto, com a filosofia.

Deste modo, Todorov (2020) relata que a arte a partir do séc. XVIII passou a ser vista como fim em si mesma, como algo que fosse objeto de fruição final devendo ser amado em si mesmo. Assim nasce a “estética”: “(literalmente, “ciência da percepção”)” (TODOROV, 2020, p. 50). Ainda no mesmo autor: “O que há de revolucionário nessa abordagem é que ela conduz

ao abandono da perspectiva do criador para adotar a do receptor, que, por sua vez, só tem um único interesse: contemplar belos objetos” (TODOROV, 2020, p. 50).

Esses trechos como o também o seguinte são apenas um recorte para lembrar o que já fora aqui explanado brevemente no capítulo anterior sobre a história do nascimento da estético de acordo com Tzvetan Todorov:

Visto a partir da criação [...] o artista é apenas um artesão de melhor qualidade: os dois praticam o mesmo ofício, com um pouco mais ou um pouco menos de talento. Ora, se nos situamos do lado de seus produtos, o artesão se opõe ao artista, pois um cria objetos utilitários, o outro cria objetos a serem contemplados apenas pelo prazer estético proporcionado; um obedece a seu interesse, e o outro permanece desinteressado; um se situa sob a lógica do *usar*, e o outro, na do *fruir*; e, por fim, um permanece puramente humano, e o outro se aproxima do divino (TODOROV, 2020, p.50).

Entretanto, Todorov ressalva que a estética, apesar de tornar o belo o fulcro artístico arte, não encerra sua ligação com a vida e a verdade:

Ao instalarem de forma resoluta as artes sob o regime do belo, os pensadores do século XVIII não procuram porém, cortar suas relações com o mundo; a arte não se tornou estranha à verdade e ao bem: nesse aspecto eles seguem a teoria platônica: o belo material não é senão a mais superficial manifestação da beleza, que, por sua vez, se refere à beleza das almas e daí à beleza absoluta e eterna, que tanto engloba as práticas humanas cotidianas — ou seja, a moral — quanto a busca pelo conhecimento ou seja, a verdade (TODOROV, 2020, p. 54)

Ou seja, mesmo a crítica literária se tornando uma disciplina de outro nome — estética — e se voltando para a questão da beleza, ainda assim subsiste uma ligação entre arte e verdade visto que a beleza está ligada a verdade segundo, nesse contexto, Platão e o próprio Todorov não demonstrando discordar, mas estando em consonância com o filósofo grego.

Também se mostra pertinente uma explicitação metafísica Aristotélica sobre tal ligação através do conceito de ‘transcendentais’ — visto o belo na metafísica ser considerado um transcendental. Tal conceito pode ser entendido como conjunto de aspectos inerentes e presentes em todos os seres, ou entes (ALVIRA, 2014).

Seguindo este autor aristotélico, é necessário antes de se definir o que sejam os transcendentais uma prévia explicação do que seja o conceito de ente: “Observamos a nosso redor uma grande variedade de coisas: árvores, casas, livros homens. À primeira vista muitas delas têm pouca relação entre si; e, entretanto, todas possuem algo em comum: todas essas coisas ‘são’, de um modo ou de outro, todas são entes” (ALVIRA, 2014, p. 187).

Assim, ente é uma palavra que se relaciona ao ato de ser e pode ser impetrada a todas as coisas por que todas as coisas que existem ‘são’, ou seja possuem ato de ser; porém nota-se que estas mesmas coisas tem uma existência diferente umas das outras — espécies diferentes de animais, ou então, entes viventes e entes não viventes — e, então, percebe-se que o conceito

de ente é um conceito análogo, ou seja, não significa exatamente a mesma coisa sempre: se for ente vivente será um ente diferente de um ente não vivente mas ao mesmo tempo compartilhando a mesma característica que o termo alude que é o ato de ser; e nesse caso, tanto o ente não vivente quanto o vivente possuem tal ato e justamente por isso os dois são considerados ‘entes’; apesar de serem — no sentido forte da palavra — de modos distintos.

Considerando esta breve definição exposta sobre o que é o ente, os transcendentais serão, então, propriedades derivadas de modo necessário de todos os entes como a unidade, a bondade, a verdade e a beleza: “essas características acompanham qualquer ente na medida em que é” (ALVIRA, 2014, p. 187). Pelo fato de tudo o que existe ser ente, tudo também possuirá tais aspectos transcendentais; logo, todos os transcendentais são noções que “expressam um modo que se segue no ente em geral, algo que convém a todas as coisas (ALVIRA, 2014, p. 189). Todo ente terá, então, de acordo com o seu grau de ser um nível de verdade, bondade e beleza, por exemplo. Ressalte-se que os transcendentais são propriedades comuns a todos os entes e manifestam aspectos que a palavra ente por si não é capaz de mostrar (ALVIRA, 2014).

Assim, a verdade é um transcendental do ente que se relaciona a sua inteligibilidade, ao seu nível de ser, quanto mais ser um ente tem mais verdadeiro e, portanto, mais complexo será. A bondade está ligada a apetecibilidade, algo é bom a medida em que é apetecível. Quanto ao transcendental ‘belo’: “*cabe considerar a beleza como um tipo particular de bondade, pois responde a certo apetite que se aquieta ao contemplar o belo*” (ALVIRA, 2014, p. 230).

Essa explicação não encerra o que é um transcendental, mas já é suficiente para entender porque Todorov diz que mesmo com o advento da ‘Estética’ a relação entre arte e mundo pode ser mantida, justamente porque o belo está relacionado ao verdadeiro desde um princípio ontológico; Assim, Platão, mestre de Aristóteles — que descreve a teoria dos transcendentais em sua metafísica (2002) — é citado por Todorov como autor do pensamento sobre o assunto onde o belo se confunde com o verdadeiro. E, por a filosofia ser aquela disciplina que, por primeiro, busca a verdade, a literatura que se liga ao belo, mesmo sendo remanejada como objeto da ciência estética no séc. XVIII, não tem o seu laço cortado com a verdade e, portanto, com a filosofia. É o que o autor Calros Nougé diz — em sua obra ‘Da Arte do Belo’ (2021): que as artes do belo — e a literatura é umas delas — fazem o homem propender, ao evidenciar o belo, ao bom e ao verdadeiro.

## 5. Considerações finais

A proposta deste trabalho fora, numa metodologia filosófico-realista, comparar o próprio campo filosófico que se relaciona com o saber ou com a busca deste com o campo artístico da literário e verificar se este último se liga a disciplina da filosofia auxiliando-a de alguma; e, ainda, se possuíam ambas ligações com a área educacional, ou também se a arte poderia ser capaz de atingir verdades universais e instruir – se assemelhando então a filosofia – através da produção do belo, entre outras relações.

Portanto, o caminho utilizado fora o da tentativa de delinear a natureza filosófica, depois a natureza literária e, finalmente, esforçou-se por aferi-las, particularmente em suas afinidades essenciais. Assim, a filosofia fora definida muito ancorado no autor Giovanni Reale (2017) como aquela que busca os fundamentos últimos de todas as coisas, as explicações mais fundamentais para que o homem possa viver pleno de sentido, norteado por uma razão, no sentido mais forte da palavra. Depois, para se definir literatura foram escolhidos dois autores com visões talvez divergentes, talvez complementares, mas que com sua teoria literária dariam cada um uma contribuição ímpar neste afã, Northrop Frye (2017) e Tzvetan Todorov (2020). Para Frye a Literatura tem seu mundo próprio com suas coerências próprias diferentes da coerência do mundo real, mas ainda sim uma coerência interna lógica; possui também suas convenções diferentes das convenções e, principalmente, esta arte seria algo ligado a potência imaginativa humana. Para o Todorov, a literatura é algo que ensina o homem o que é o homem e por isso a faz viver melhor, se constitui remédio para a alma, num tom mais poético.

Parece, de fato, ao menos através da conjugação entre os autores escolhidos para o embasamento deste trabalho, a literatura se relaciona sim com a filosofia, e não de maneira unívoca como se pôde perceber, ora se relacionando com a ciência teórica em sua base, através da imaginação conferindo-lhe aporte para uma maior proficiência ora se relacionando com a ‘amiga da sabedoria’, ora fornecendo ao homem caminhos alternativos de contato com a verdade que não sejam as obras dos grandes sábios filósofos mas mostrando a sabedoria difusa na obra de outra espécie de sábios e também grandes autores, os literários; eis esta segunda relação disposta: filosofia e literatura, ambas se mostram capazes de tornar o homem mais sábio, a medida em que expõem a ciência prévia de um modo apodíctico ou artístico levando-o a meditar sobre todo o existente. Contudo, nesses dois caminhos uma ciência possui o louvor da precisão dos termos enquanto a outra possui o mérito da deleitabilidade em seu modo de expressar. Não obstante, atentou-se que as relações entre uma e outra se ligam também sob aspectos outros como através da realidade da educação, da linguagem humana e do belo.

## **Bibliografia**

- ADLER, Mortimer. **Como ler livros**. São Paulo: É realizações, 2010.
- AGOSTINHO, S.; AQUINO, T. **Sobre o Mestre**. Campinas: CEDET – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico, 2017. \*\*
- ALVIRA, T.; CLAVELL, L.; MELENDO, T. **Metafísica**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2014.
- AQUINO, Tomas, **Suma Teológica – Vol. 1, Ia Pars**. Campinas: Ecclesiae, 2016.
- CARVALHO, Olavo de. **Aristóteles em nova perspectiva: Introdução a Teoria dos quatro discursos**. Campinas: VIDE Editorial, 2013.
- FRYE, Northrop. **A imaginação educada**. Campinas: Vide Editorial, 2017.
- GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio – os clássicos e a saúde da alma**. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- GURGEL, Rodrigo. **A imaginação educada (Northrop Frye)** (transcrição). Aula postada em 27 fev. 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rpeGVAd6DAg&t=1300s>>. Acesso em 10 set. 2021.
- JAEGER, Werner. **Paideia – A formação do homem grego**. São Paulo: Editora WMF, 2020.
- NOUGUÉ, Carlos. **Da Arte do Belo**. Formosa: Edições Santo Tomás: 2021.
- PIEPER, Josef. **O que é filosofar?**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia, Volume I**. São Paulo: Paulus, 2017;
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 2017.
- Rosa, A. D. **Notas de Filosofia e História da Educação**. Disponível em: <<http://www.cristianismo.org.br>>. Acesso em 22 set. 2021.
- SCRUTON. Roger. **Uma filosofia política: argumentos para o conservadorismo**. São Paulo: É Realizações, 2017.
- SERTILLANGES, Antonin-Dalmace. **A Vida Intelectual – Seu espírito, suas condições, seus métodos**. Campinas: Editora Kíron, 2019.
- SIDNEY, Philip. **Defesa da poesia**. São Paulo: Filocalia, 2019.
- SIMON, René. **Moral**. Barcelona: Editorial Herder, 1981.
- SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

TOMÁS, Melendo. **Iniciação à filosofia**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2005.

TZVETAN, Todorov. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZAMBONI, Fausto José da Fonseca. **Literatura, ensino e educação liberal**. Assis. 2011.